

Gaudêncio Torquato: Temer e Bolsonaro, um divisor de águas

Foi um divisor de águas, ou ainda, o maior dique que se construiu para evitar a inundação da política com os destroços causados pelas ações sempre pensadas, nunca impensadas, do atabalhado presidente Jair Bolsonaro. E esse dique contou com a destreza de construtor e carpinteiro, qualidades do ex-presidente Michel Temer. E por que este é considerado o último divisor de águas? Pelo nível de enchente provocada junto ao Poder Judiciário com repercussões de monta sobre as cúpulas congressuais.



Qualquer novo tsunami, se ocorrer, não apresenta

escapatória: o construtor de diques, Michel Temer, não teria suporte moral para vir a trabalhar nos estragos refeitos, os juízes do Supremo se dariam por esgotados e conscientes de que nada se pode esperar daquele navio que dispara torpedos intermitentes. O termo impeachment, hoje apenas uma palavra a frequentar o dicionário de Brasília, ganharia fundamento e o desembarque das tropas aliadas do capitão do transatlântico seria um ato pensado sob o fluxo de ondas fortes que inundariam os dutos da opinião pública.

Vamos analisar ponderadamente esta reflexão. A Opinião Pública se origina de áreas de pensamento que se formam, sem articulação prévia, juntando-se em bolhas. Geralmente tais bolhas nascem no meio das classes médias, e costumam ter uma antena virada para os fatos. A área política, por mais que junte grupos de interesse comum — verbas, benefícios, espaços na administração — tem o dom de autopreservação. Não pula o abismo. E confere seus passos com o caminhar dos grupos de Opinião Pública.

Diz-se que Bolsonaro não mudaria por ter um foco para iluminar suas bases. Mas tais bases não chegam a 30%. E tendem a diminuir se alinharmos os fatores que poderão estreitar o tamanho dos contingentes: apagões de energia, decorrentes da crise hídrica; continuidade da crise sanitária; pequena reação da economia, com o desemprego jogando alto; crise política sem passos avançados; auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família, sem estofo para agradar milhões de famílias.

Portanto, é de se prever um Bolsonaro mais contido, sob pena de que continue a agradar parcela de seu eleitorado, mas a desagradar os maiores conjuntos eleitorais. Os políticos agirão com um olho plantado no Planalto, outro na planície. O PP que, aliás, não quer Bolsonaro em seus quadros, vai se esforçar para

acender uma vela a Deus, outra ao demônio. E a economia? O que resta a Paulo Guedes fazer para agradar o tal mercado?

Dito isso, vem à tona a figura de bombeiros e construtores de diques. Michel Temer, em nova escalada de adjetivos ferinos, poderia voltar a ajudar o presidente com novas cartas e compromissos? Difícil. Depois de recuperar uma imagem borrada por "*jogadas*" que se conhecem, seria pouco provável que o ex-presidente topasse se meter em uma enrascada, a ideia de vir novamente a por panos quentes entre os Poderes.

Quanto a estes, a cautela impera. Todos os ministros estão vacinados contra novas mordidas do "*cão raivoso*". Alexandre de Moraes, por exemplo. Um magistrado de alto gabarito, professor de Direito, e Luis Roberto Barroso, um dos mais preparados magistrados, se dariam ao exercício de, mais uma vez, entrarem numa espécie de pacto de não agressão? Nem o papa Francisco daria endosso a mais uma tentativa de harmonia.

Por todas essas razões, o país entra na era do divisor de águas. E qualquer pedra que Bolsonaro atirar em Chico baterá na cabeça de Francisco, a exibir a disposição dos juízes do STJ, TSE e STF de agirem como um corpo unitário. Os riscos estão postos. Por último, convém lembrar a índole autoritária do nosso mandatário-mor. Para ele, ou tudo ou nada. Mas os militares dariam endosso a um ato golpista? Bom lembrar que os vasos comunicantes fazem a sociedade respirar em conjunto, como um todo inseparável.

Date Created

14/09/2021